

QUANDO UM + UM, SÃO MUITOS... : REFLEXÕES SOBRE *UM ERRO*  
*EMOCIONAL* E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE

Edelu Kawahala  
edeluk@gmail.com

Rodrigo Diaz de Vivar y Soler  
diazsoler@gmail.com

Centro Universitário Estácio de Sá/SC

**RESUMO:** O presente artigo procura articular algumas reflexões em torno do campo de tensão da experiência literária a partir das contribuições do livro *Um Erro Emocional* (Tezza, 2010). Nessa textualidade, encontra-se fortes elementos sobre a produção de múltiplas subjetividades articuladas em toda uma sintomatologia exposta sobre as fragilidades da condição existencial contemporânea. Todo esse conjunto de temas que atravessam *Um Erro Emocional*, dizem respeito a um percurso sob a existência humana. Como todos os riscos que envolvem esta tarefa as perguntas que permanecem são: até onde, cada um de nós pretende ir, que riscos queremos assumir para vivenciarmos uma experiência amorosa em tempos de reprodutibilidade técnica?

**PALAVRAS-CHAVE:** Um Erro Emocional; Produção de Subjetividade; Experiência.

**ABSTRACT:** *This article seeks to articulate some reflections on the stress field of literary experience from the contributions of the book Emotional An Error (Tezza, 2010). In this textuality, is strong evidence on the production of multiple subjectivities articulated across a symptom of the weaknesses exposed on contemporary existential condition. This set of themes that run through Emotional An Error, relate to a course in human existence. Like all the risks involved in this task the questions that remain are: how far each one of us wants to go, who want to take risks to experience an experience of love in times of mechanical reproduction?*

**KEYWORDS:** *Error An Emotional; Production of Subjectivity, Experience.*

## 1 INTRODUÇÃO

No ensaio, *La Literatura y La Vida*, Deleuze (1996), a firma que a empresa de escrever é, sem sombra de dúvida, um exercício de puro devir. Isto é, não existem fronteiras e limites para este ato, pois ele lida sempre com o inacabado e, neste processo, toda escritura sempre atravessa o campo do vivido. Produzir literatura significa então desprender-se de si mesmo através de uma luta contra a territorialização e os jogos identitários e escrever, como afirmava Proust, parafraseado por Deleuze (2010),

consiste na invenção de uma linguagem estrangeira.

Por conta destes aspectos, a literatura é uma ferramenta imprescindível para uma leitura sobre a produção de subjetividades. Nos seus mais variados desdobramentos e recortes, o espaço literário não é somente um meio de leitura, mas uma condição que possibilita a psicologia percorrer todos os escombros sobre a problemática da subjetividade e produzir uma experiência capaz de enxergar nos múltiplos interstícios de uma *outra* linguagem, os indicativos presentes naquilo que faz de nós o que somos hoje, para que desta maneira, de acordo com Foucault (1995), possamos recusar os processos de identificação produzidos pelo acossamento dos dispositivos.

Diante de tal característica, construir um ensaio sobre a subjetividade no contexto contemporâneo significa partir na busca de uma analítica sobre os artefatos presentes na experiência literária. Segundo Almeida (2009), a literatura se constitui como uma linguagem sem poder, e neste sentido, a produção de uma experiência literária efetiva-se não pela proclamação de palavras de ordem provenientes das discursividades que enaltecem as verdades e as representações ideológicas, mas sim na condição de possibilidade da produção de novos sentidos e novas subjetividades.

O presente artigo procura articular algumas reflexões em torno do campo de tensão da experiência literária a partir das contribuições do livro *Um Erro Emocional* (TEZZA, 2010). Nessa textualidade, encontram-se fortes elementos sobre a produção de múltiplas subjetividades articuladas em toda uma sintomatologia exposta sobre as fragilidades da condição existencial contemporânea. A nosso ver, Tezza (2010) realiza a produção de um campo experiencial que transborda os limites e as finitudes do cotidiano, inscrevendo em torno da construção arquetípica dos personagens de *Um Erro Emocional*, uma pluralidade de sensações e afetos capazes de produzir o estranhamento no interior da condição de miserabilidade do sujeito nos dias de hoje.

## 2 QUANDO 1+1 SÃO MUITOS...

*Cometi um erro emocional.* São com essas palavras que se inicia a narrativa de Tezza (2010). Nesta afirmação existe um paradoxo desenvolvido no reencontro de Donetti com Beatriz após a noite em que se conheceram. Todavia, poder-se-ia perguntar: como o aparente desejo de um homem por uma mulher pode ser considerado um erro

emocional? A resposta para este questionamento desdobra-se na intenção de Tezza (2010), qual seja: expor todas as fragilidades da condição existencial dos sujeitos no contexto da sociedade contemporânea, quando duas vidas aparentemente marcadas pela melancolia são interpeladas a colocar em xeque seus valores e crenças.

Os personagens que protagonizam o romance são: um famoso escritor e uma professora e revisora que, como qualifica o próprio Donetti, é uma leitora altamente qualificada de sua obra iniciam um jogo de sedução, em que os personagens buscam estratégias para controlar a situação. Neste clima intempestivo, os dois oscilam entre a entrega e a fuga. Como marinheiros à deriva, anseiam por um ancoradouro e um lugar emocional que lhes sirva de base. Contudo, o presente surge à frente deles como algo fragmentado, afirmando-lhes que nada existe senão retrospectivas do passado e perspectivas do futuro. Este duplo constrangimento remete-os as suas memórias, fazendo com que eles partam em busca de um farol na tentativa de encontrar elementos que permitam-lhes vislumbrar a terra firme ou lançar-se de vez no tenebroso mar do amor. As lembranças aparecem como diálogos internos, nos quais Donetti e Beatriz revivem suas histórias, e tentam produzir novos significados.

A narração do romance pode ser associada ao que Reis e Lopes (1988, p. 115), chamam de narração simultânea

[...] a *narração simultânea* é constituída por aquele ato narrativo que coincide temporalmente com o desenrolar da história. [...] Trata-se, neste caso, de um discurso que pretende representar o fluir espontâneo de reflexões e divagações situadas no cenário da interioridade de um personagem [...].

Neste jogo entre a ação e o fluxo de consciência dos personagens, a narrativa apresenta-se como um texto fragmentado e sinuoso tal qual a pizza que ambos dividem. A pizza, talvez seja uma alegoria do encontro entre personagens, sendo oferecida pedaço a pedaço, tal qual a memória de suas vidas através da condição de miserabilidade da sociedade contemporânea aonde existe segundo Benjamin (1994), a perda da experiência coletiva em que a memória é esfacelada pelo ritmo de vida cada vez mais acelerado e perturbador não permitindo ao sujeito a construção de uma estética orientada pela produção de novos significados intensificadores da existência.

Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem. A angustiante riqueza de idéias que se difundiu entre, ou melhor, sobre as pessoas, com a renovação da astrologia e da ioga, *Christian Science* e da quiromancia, do vegetarianismo e da gnose, da escolástica e do espiritualismo, é o reverso dessa miséria. Porque não é uma renovação autêntica que está em jogo, e sim uma galvanização. Pensemos nos esplêndidos quadros de Ensor, nos quais uma grande fantasmagoria enche as ruas das metrópoles: pequeno-burgueses com fantasias carnavalescas, máscaras disformes brancas de farinha, coroas de folha de estanho, rodopiam imprevisivelmente ao longo das ruas. Esses quadros são talvez a cópia da Renascença terrível e caótica na qual todos depositam suas esperanças. Aqui se revela, com toda clareza, que nossa pobreza de experiências é apenas uma parte da grande pobreza que recebeu novamente um rosto, nítido e preciso como o do mendigo medieval. (BENJAMIN, 1994, p. 115.)

Constrói-se, a partir desta perspectiva, uma narração que deve ser seguida segundo os critérios de uma arqueologia em que é possível recolher os fragmentos pouco a pouco, no emaranhado entre presente, passado e futuro, cabendo ao leitor juntar as peças e tentar compreender quem são Beatriz e Donetti. Este efeito pode ser associado ao que Sartre (1978) chama de movimento progressivo-regressivo, o qual retorna-se ao passado/presentificado, para ressignificá-lo em direção ao futuro. Esta espiral dialética faz com que o sujeito produza sua subjetividade, de acordo com Maheirie e Pretto (2007), a partir da sua condição histórica. Produto de uma época, a subjetividade se constitui a partir das relações. Ocorre que essas relações são sempre mediadas pela contradição e pelas diversas possibilidades em curso. Tal característica é, pois imprescindível para sublinhar o fato de que a subjetividade sob tal perspectiva

(...) infere que o conhecimento provém da experiência concreta dos homens na cotidianidade como fruto das relações dos sujeitos com as coisas, com a cultura, com outros sujeitos e com o tempo (passado, presente e futuro pretendido). Desta maneira, a humanização é um processo que ocorre

para além da realidade bruta, isto é, o processo de humanização significa a realidade, promovendo projetos individuais e coletivos e, conseqüentemente, produzindo sujeitos singulares e sociedades diversificadas que compõem a história humana. (MAHEIRIE e PRETTO, 2007, p. 456.)

Tal leitura é imprescindível porque auxilia a compreender a realidade não a partir de uma lógica linear, mas sim através das contradições existentes em diversos fluxos, contextos e situações.

É desta forma que Beatriz, ao tecer suas memórias tanto para Donetti como para si, tenta compreender como chegou até ali. Questionada, sobre sua vida, ela ressalta: “Não há nada de especial na minha vida.” (TEZZA, 2010, p. 51). A afirmação diz respeito ao desconhecimento, por parte de Beatriz, do fato de que as experiências do tempo presente são absolutamente antagônicas em relação às experiências do passado. Tal qual afirma Benjamin (1986), o que passa a existir neste modelo de afirmação é a sobreposição da memória voluntária – isto é, daquilo que se quer lembrar – sobre a memória involuntária – aquilo que só pode ser despertado quando se depara com um conflito existencial-. Este indicativo é percebido na trama quando atenta-se para o fato de que Beatriz, proveniente de uma família burguesa, levava uma vida sem grandes emoções, até que num final de semana seus pais sofrem um acidente e ela se vê órfã; meses depois se casa com o namorado, separando-se sete anos mais tarde por conta de uma traição. Ao contar sua história, Beatriz percebe que sua vida seguiu como um barco sem leme em que ao se recusar deparar-se com sua própria condição ontológica, ela escolheu não escolher, estando diante de Donetti tendo como aliado somente a sua experiência e a sua projeção de futuro.

Donetti, por sua vez, filho de um funcionário público e de uma dona de casa, é quem dá o primeiro passo em direção a Beatriz, batendo sua porta e declarando seu erro emocional. Porém, ao ver-se frente a ela, hesita; teria ele ainda direito ao amor? Beatriz, desde o primeiro momento, figura para ele como uma chance de recomeçar

Eu posso estar enganado e não tenho o direito de errar mais na vida.  
Deus me mostrou a tábua com minhas cinco chances, e pensou em contar a ela assim que Beatriz voltasse, para que eles pudessem rir

juntos, e uma a uma já estavam riscadas. Todas as chances foram para o brejo. O filme inteiro queimado. Deus, indiferente, apontando-lhe o caminho do inferno, [...]. Talvez só mais essa mulher ainda, ele suplicaria a Deus. Eu mereço Beatriz, ele diria a Deus, a voz gaguejante. (TEZZA, 2010, p. 173)

Diante de si e de Beatriz, embrenha-se no passado, escavando suas memórias à procura de elementos que o autorizem vivenciar este amor e que o convença deste merecimento. Através do mergulho em sua história Donnetti precisa estabelecer uma nova relação com o seu passado para seguir em direção ao futuro. Todavia para que ele consiga concretizar este projeto, precisará empreender finalmente um acerto de contas com o pai, pois Donetti é filho de mulato, e como um híbrido que não encontra o seu lugar, como se a própria cor de pele fosse um estigma, uma maldição

Enquanto sujeito não pertencente, o mestiço ocupa o interstício de uma relação desigual entre colonizado/colonizador, escravo/senhor, podendo, portanto, supor-se capaz de flutuar entre esses dois lugares; crê-se quase um branco ou quase um negro, mas, de qualquer forma, sua identidade estará incondicionalmente marcada por esse “quase”. (KAWAHALA, 2010, p. 11)

De acordo com diversos estudos sobre relações raciais entre os quais se ressaltam os de Fanon (2008), Munanga (2004) e Santos (2002), o sujeito negro é aquele que ocupa a polaridade negativa enquanto o mulato situa-se no trânsito entre o branco e não-branco restrito ao papel subalterno tanto na escala econômica, como nas práticas sociais. Desta forma, sua ascensão se dá sempre de maneira limitada, reafirmando, assim o seu *quase*. Se o mestiço nesta balança racial escolhe um lado, a escolha do pai de Donetti reflete o lugar do mestiço na sociedade brasileira, pois o mulato é aquele que crê que, quanto mais afastado da negritude, maior será a sua possibilidade de aceitação e ascensão e por conta desta escolha. Ao afastar-se da sua negritude, o mestiço torna-se *um civilizado as avessas* recusando toda sua trajetória e todas as suas experiências. Neste sentido, embora o pai de Donetti opte pela racionalidade, não consegue livrar-se da contradição

[...] um país de merda, ele lembra de ter dito para si mesmo, alguém fingindo ser outra pessoa, fazendo-se adulto exatamente como o Brasil, como se o pai falasse pela sua boca e chegasse a mesma conclusão pelo motivo oposto; o seu pai, ele imagina, gostaria de um mundo totalitário, estritamente sob controle, não essa horrenda malemolência de todas as coisas sobre o céu. (Ao mesmo tempo, o paradoxo: passava o dia assoviando sambas, um gênio da caixinha de fósforos, o seu poder de sedução.). (TEZZA, 2010, p. 56)

Ao recusar sua condição de hibridez, o pai de Donetti torna-se um sujeito pela metade e nega ao filho qualquer possibilidade de reconciliação com este espectro, que deve ser esquecido

E o meu pai onde estaria? - ele pensou em perguntar retoricamente como quem faz uma palestra; e responderia (de novo os olhos no chá, decifrando o passado), estaria em 1940, habitante tardio da Casa-grande & senzala e da utopia mestiça, que hoje se assombraria com as ações afirmativas; chegasse eu a me inscrever em algum sistema de cotas por conta da de uma gota mortal do sangue de Caim negro, e ele me faria rolar de pancadas, [...]. (TEZZA, 2010, p. 163).

Desta negação do mestiço, conforme afirma Silva (2006, p. 62), surge: “[...] o sujeito social subalterno mestiço, que por incorporar os atributos de ‘desaparecimento’ do aspecto racial cultural do ‘Outro europeu’, emerge como o sujeito de um desejo destrutivo, o agente de sua própria aniquilação”.

Desamparado e faltando uma metade em que se apoiar, Donetti relembra o pai, e como um filho que desconhece a sua origem, não se identifica e fantasia outra paternidade “[...] Quem sabe o amante não fosse o seu verdadeiro pai, não houvesse essa pele escura e esse nariz lembrando-lhe escancaradamente a fôrma inescapável de origem.” (TEZZA, 2010, p. 163).

È a semelhança que se aplaude ao dizer, Tal pai, tal filho. Filiação e paternidade definem-se em meio a um jogo familiar de semelhanças, onde do filho se exige que seja uma atualização do semblante e das atitudes paternas. Filiação e paternidade definem-se numa unidade especular. Ao filho não cabe ser outro e sim a imagem refletida do pai. O que importa é a garantia do reconhecimento de

um no outro. Quando são demasiadas as diferenças, quebra-se a possibilidade de reconhecimento mútuo, fratura-se o círculo familiar numa inquietante estranheza. (SUSSEKIND, 1984, p. 21)

Donetti não se reconhece no pai negando sua racionalidade, mas ao mesmo tempo herda como uma maldição, a dificuldade de entrega “[...] Falar da própria vida nos deixa sentimentais, ele disse, e quase completou, os lábios se abrindo na coceira de dizer, e eu nunca me entrego ao sentimentalismo, há alguma coisa muito dura que eu não posso quebrar sob pena de perder meu eixo. (TEZZA, 2010, p. 56-57).”

Não bastasse essa relação ambígua de hereditariedade, existe um conflito entre eles. Na adolescência Donetti foge de casa e ao ser resgatado pelo pai não há abraços de retorno, nem repreensões. Homem prático que era seu pai decide que neste acontecimento havia um indicativo para o início da sua vida sexual. Leva-o a um bordel e entrega-lhe a uma profissional, Beatriz – *a outra*. Na viagem sem volta ao corpo daquela mulher, Donetti se reconhece e não quer mais fugir, seu lugar passa a ser de maneira simbólica, as entranhas do corpo de Beatriz – *a outra*, pela qual se apaixona perdidamente. Contudo, seu pai o proíbe de vê-la, e só então se dá conta que ela nunca fora sua, sempre a dividira com o pai. “[...] sentiu um ciúme terrível de seu pai, o verdadeiro proprietário de Beatriz; como numa cartilha freudiana, ele teria de matá-lo para ficar com o troféu.” (TEZZA, 2010, p. 156). Seu pai lhe ensinara a ser homem, mas jamais lhe ensinara a amar. E agora, frente a frente consigo e com Beatriz, sentia-se paralisado, exatamente como no dia em que foi levado à Beatriz- *a outra*. Quem era ele diante da sua história? Diante deste pai?

Na noite fria de Curitiba, Donetti segue rememorando seus amores e tentando se reconhecer; talvez ali nas mulheres pudesse encontrar, Beatriz - *a outra*, ou talvez Tina, Claudia e agora Beatriz. Quem sabe elas poderiam dizer-lhe de si? Mas, como uma maldição familiar, brota de suas memórias não sua identidade, mas a falta desta. É Gabriel, seu filho, quem lhe traz novamente esta ausência pelo vazio da paternidade interdita. Se não se reconhecia no pai, tampouco se reconhece no filho.

Meu filho nasceu nove meses depois daquele beijo na cozinha [...]. (TEZZA, 2010, p. 158) Só três anos depois, Donetti pensou em acrescentar, caiu na minha cabeça a idéia já quase uma revelação, tudo comigo surge como



pancadas na cabeça – de que afinal Gabriel não seria meu filho.  
(TEZZA, 2010, p. 161)

Esta dúvida de certa forma o impede de afetivar a paternidade, assim pai e filho tornam-se dois estranhos, também o filho não reconhece o pai

[...] mas quem atendeu foi Gabriel, a voz de seis anos de idade, e quando disse que era o papai, o filho respondeu *Mário!*? – e o que ele ouvia era uma ansiedade feliz a espera do verdadeiro pai, como se os genes falassem; [...]. (TEZZA, 2010, p. 70)

Donetti não se reconhece nem na sua ascendência, nem na sua descendência

Quando não se consegue repetir o modelo paterno, não é apenas para o filho que se volta a maldição, mas para toda família cujas pretensões de continuidade ficam ameaçadas. [...] Vampirescamente o membro mais jovem deve revigorar toda a árvore. Quando se recusa a buscar a benção familiar, quando ao invés da hereditariedade percebem-se diferenças, é o pai quem se torna repentinamente “estéril”. Solto, sem a identidade e o reconhecimento em miniatura que buscara no filho. Sem a esperança da continuação, o conforto da paternidade, só lhe resta o reconhecimento da própria finitude. (SUSSEKIND, 1984, p. 24)

E é em Beatriz no futuro que se apresenta, aonde Donetti deposita todas as suas esperanças na reversão da sua finitude. Talvez ela, e somente ela, possa ser o fragmento que unirá os cacos do passado e possibilitará por fim a concretização do seu projeto de ser.

### 3 Considerações Finais

Todo esse conjunto de temas que atravessam *Um Erro Emocional*, diz respeito a um percurso sob a existência humana. Como todos os riscos que envolvem esta tarefa as

perguntas que permanecem são: até onde, cada um de nós pretende ir, quais riscos queremos assumir para vivenciarmos uma experiência amorosa em tempos de reprodutibilidade técnica? No que se refere à problemática da produção de subjetividade no romance de Tezza (2010), fica evidenciado o caráter proeminente da perspectiva das relações raciais como um movimento de contextualização da própria produção desses personagens sempre em conflito consigo mesmos através das representações pejorativas as quais estão associadas à figura do mestiço, do mulato na sociedade brasileira. Inserida nessa problematização empreendida por Tezza (2010) podemos aqui nos perguntar a partir da leitura desse seu impecável romance; *afinal, de contas, o que significa ser negro e/ou mestiço na sociedade brasileira contemporânea?* Nesse sentido, não há como prosseguir sem que se faça menção às palavras emblemáticas empreendidas por Franz Fanon (2008) que no seu *Pele Negra, Máscaras Brancas* provoca essa importante contextualização sobre a ontologia do homem negro

Os elementos que utilizei não me foram fornecidos pelos “resíduos de sensações e percepções de ordem, sobretudo tátil, espacial, cinestésica e visual”, mas pelo outro, o branco, que os teceu para mim através de mil detalhes, anedotas, relatos. Eu acreditava estar construindo um eu fisiológico, equilibrando o espaço, localizando as sensações, e eis que exigiam de mim um suplemento. “Olhe um preto!” Era um *stimulus* externo, me futucando quando eu passava. Eu esboçava um sorriso. “Olhe um preto!” É verdade, eu me divertia. “Olhe um preto!” O círculo fechava-se pouco a pouco. Eu me divertia abertamente. “Mãe, olhe o preto, estou com medo!” Medo! Medo! E começavam a me temer. Quis gargalhar até sufocar, mas isso tornou-se impossível. Eu não agüentava [sic] mais, já sabia que existiam lendas, histórias, a história e, sobretudo, a historicidade que Jaspers havia me ensinado. Então o esquema corporal, atacado em vários pontos, desmoronou, cedendo lugar a um esquema epidérmico racial. (Fanon, 2008, p. 104-105)

Neste sentido, o que Tezza (2010), nos traz em seu romance é a dura constatação de que mais que uma noite de encontro amoroso, trata-se de um encontro dos personagens consigo, com seus fantasmas e suas dores, refletindo através deles a fragmentação das nossas experiências e as incertezas de nossa existência diante da sociedade

contemporânea. Trata-se, portanto da construção arquetípica de uma história entrelaçada nos corpos de Donetti e Beatriz. Não obstante, é a história de uma época e de uma sociedade atormentadas por aquilo que elas têm de essencialmente trágico: a procura de novos caminhos, dos seus instrumentos de ação e também seus instrumentos de transformação da própria existência a partir da dinâmica das relações raciais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, L. P. de. “Literatura e Experiência do Escrever: algumas reflexões sobre a resistência no seio da linguagem”. *Revista de Filosofia Aurora*. 21, 28, 87-106, 2009.
- BENJAMIN, W. A Vida dos Estudantes. In: BENJAMIN, W. *Documentos de Cultura*, Documentos de Barbárie. São Paulo: Cultrix, 1986. PP. 151-159.
- \_\_\_\_\_. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. PP. 114-119.
- DELEUZE, G. *La Literatura y La Vida*. In: DELEUZE, G. *Crítica y Clínica*. Barcelona: Anagrama, 1996. PP. 11-18.
- FANON, F. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOUCAULT, M. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, H. RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. PP. 229-250.
- KAWAHALA, E. “Na minha casa todo mundo é bamba: polifonia diaspórica e Atlântico Negro na obra de Martinho Da Vila (1969 – 2010)”. *Projeto de Pesquisa de Doutorado em Literatura pela UFSC*, 2010.
- MAHEIRIE, K. PRETTO, Z. O Movimento Progressivo-Regressivo na Dialética Universal e Singular. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*. 19, 02, 455-462, 2007.
- MUNANGA, K. “Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia”. *Cadernos PENESB . Universidade Federal Fluminense*. 5, 1, 1-10, 2004.
- REIS, C. LOPES, A.C.M. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina, 1988.
- SARTRE, J. P. *Questão de Método*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- SANTOS, G. A. dos. *A invenção do “ser negro”: um percurso de idéias que*

*naturalizam a inferioridade dos negros*. São Paulo/ Rio de Janeiro: EDUC/FAPESP/Pallas, 2002.

SILVA, D. F. da. “À Brasileira: Racialidade e a Escrita de um Desejo Destrutivo.” *Estudos Feministas*. 14, 1, 336, 62-83, 2006.

SUSSEKIND, F. *Tal Brasil, Qual Romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TEZZA, C. *Erro emocional*. Rio de Janeiro: Record, 2010.